



## A trajetória do trabalho no Recôncavo: entre avanços e retrocessos

*Josias Alves de Jesus<sup>1</sup>*

**Resumo:** A presente investigação buscou analisar o processo de desenvolvimento econômico do Recôncavo, partindo das contradições identificadas no campo do trabalho. O estudo examinou de que maneira o trabalho nas lavouras de cana, nas roças de mandioca e de fumo tornou-se fundamental para a constituição da primeira região do Brasil. Conclui-se que temos três recôncavos. O primeiro, antigo e histórico; o segundo, com tendências modernas; o terceiro congrega elementos históricos e modernos, em consequência das atividades do petróleo. Conclui-se também que o trabalho no Recôncavo passou de desqualificado a qualificado devido às mudanças ocorridas ao longo do tempo.

**Palavras-chave:** Recôncavo. Trabalho. Contradições.

### The trajectory of labour in Recôncavo: between advances and setbacks

**Abstract:** This investigation sought to analyze how the process of economic development in Recôncavo took place based on its contradictions in the field of work. It was analyzed how work in sugarcane plantations, cassava and tobacco fields developed and were fundamental in the constitution of the first region of Brazil. It follows that we actually have three hollows. One ancient and historical, another modern and another that brings together historical and modern aspects that oil activities have changed. It was also concluded that labour in the Recôncavo went from unqualified to qualified, leading to changes that occurred over time.

**Keywords:** Recôncavo. Labour. Contradictions.

### Introdução

A palavra “recôncavo” significa terra ao redor de uma baía. O Recôncavo baiano é uma região que circunda a Baía de Todos os Santos, formando o grande anfiteatro no qual, há quase cinco séculos, se prolonga um dos mais antigos capítulos da colonização do Brasil (Costa Pinto, 1998). Durante aproximadamente três séculos, foi a região mais importante do país. No Recôncavo desenvolveu-se uma importante indústria açucareira. Os engenhos de cana ajudaram a moldar a

---

<sup>1</sup> Professor Adjunto de curso de Economia do Departamento de Ciências Sociais Aplicadas (DCSA), Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Doutor em Desenvolvimento Regional (UNIFACS). Líder do Grupo de Pesquisas em Economia, Meio ambiente e Inovação (GREMI). ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0960-7506>. E-mail: [josiasalves@uesb.edu.br](mailto:josiasalves@uesb.edu.br).

paisagem, a economia e a sociedade do lugar com uma produção extensiva, latifundiária e mão de obra escrava, primeiramente, indígena e, depois, negra.

É possível identificar pelo menos três grandes atividades agrícolas no Recôncavo: a produção de açúcar (para exportação), o fumo (utilizado inicialmente na troca de escravos e, depois, para exportação) e a farinha de mandioca (na alimentação). Na historiografia do Brasil, autores como Prado Jr. (1987), Furtado (1969), Freire (1986) e Holanda (1995) afirmam que a produção agrícola brasileira voltada para exportação foi uma grande *plantation* e que as atividades acessórias não pesaram na constituição do mercado interno. É o que se convencionou chamar de visão *plantacionista*, para citar a linguagem empregada por Linhares (1990).

Outros autores, contudo, defendem uma concepção diferente da *plantacionista*, a *multilateral*. Nesse ponto de vista, as atividades acessórias (produção de fumo e farinha, por exemplo) tiveram papel importante na complementação dos rendimentos da agricultura de exportação e foram fundamentais para a constituição do mercado interno da colônia. Os trabalhos de Linhares (1990), Gorender (1978), Barickman (2003) e Schwartz (2011) fazem parte dessa segunda linha de análise.

Desde a lavoura de cana, passando pela do fumo e da mandioca, a força de trabalho no Recôncavo alterou-se na sua essência. O trabalho deixa de ser exclusivamente manual e passa a especializar-se cada vez mais. A industrialização perpetrada no Recôncavo a partir da segunda metade do século XX, principalmente com a indústria petroquímica, contribuiu para alterações no perfil do trabalhador daquela Região.

Em todas as culturas agrícolas (açúcar, farinha e fumo), além da industrialização, o fio condutor que perpassa por todos os processos é o **trabalho**. Dessa forma, o objetivo geral da presente investigação é discutir a trajetória do trabalho no Recôncavo, seus movimentos e rupturas. Nessa perspectiva, surge o problema de pesquisa: consideradas as mudanças nos processos do trabalho no Recôncavo desde o período da escravidão, quais as características do trabalho formal nessa Região no século XXI?

Os objetivos específicos são: a) apresentar a formação social e econômica do Recôncavo; b) discutir as mudanças do trabalho nessa Região ao longo da história; c) apresentar e discutir as características do trabalho no Recôncavo do século XXI.

## O Recôncavo: passado e presente

O Recôncavo surge no processo de ocupação de Salvador e expande-se na direção norte da cidade e no seu *hinterland*. Esse território passou, todavia, por diversas delimitações ao longo de sua história. Dessa forma, o objetivo da presente seção é delimitar o Recôncavo, tarefa de suma

importância para o estudo empírico. Antes, será necessário mostrar e discutir de que maneira os principais teóricos e órgãos governamentais demarcaram essa Região. Finalmente, apresentaremos a delimitação que consideramos apropriada para analisar o nosso objeto de pesquisa, o trabalho no Recôncavo.

Ao analisar a rede urbana do Recôncavo no fim da década de 1950, Milton Santos (1958) amplia os limites da Região e, desse modo, rompe com a classificação oficial do IBGE. Segundo Milton Santos (1958), uma vez que a rede urbana é um fenômeno dinâmico, o Recôncavo tradicional não serve para esse tipo de estudo. Assim, a rede urbana do Recôncavo possui 28 municípios, a saber: Alagoinhas, Aratuípe, Cachoeira, Camaçari, Castro Alves, Catu, Conceição da Feira, Conceição do Almeida, Coração de Maria, Cruz das Almas, Feira de Santana, Irará, Itaparica, Jaguaripe, Maragogipe, Mata de São João, Muritiba, Nazaré, Pojuca, Santo Antônio de Jesus, Santo Amaro, Santo Estevão, São Félix, São Felipe, São Francisco do Conde, São Gonçalo dos Campos, São Sebastião do Passé e Salvador.

Desde os anos 2000, a regionalização da Bahia é determinada com base no conceito de Território de Identidade, conforme se observa na Figura 1. Serpa e Monteiro (2011) afirmam que os Territórios de Identidade são fruto de um processo que se iniciou em 2003 e culminou em 2007 com a nova divisão regional do Estado.

**Figura 1** – Territórios de Identidade do estado da Bahia em 2017



Fonte: SEPLAN (2017).

A regionalização estabelecida pelo governo do estado da Bahia alterou novamente a composição dos Territórios de Identidade. Em 2013, havia 26 territórios, em 2015, criou-se mais um, totalizando 27. Segundo a nova classificação, o Território de Identidade do Recôncavo “perdeu” São Francisco do Conde e São Sebastião do Passé. Em 2013, quando a presente pesquisa foi iniciada, tais municípios pertenciam ao Recôncavo. Não fazia sentido, portanto, analisar esse Território sem considerar a presença de um e de outro, pois entendemos que ambos fazem parte do núcleo do Recôncavo antigo, que vem passando por mudanças em suas respectivas economias. Além disso, esses dois municípios foram importantes para a instalação da indústria de petróleo que operou nesse Território na década de 1950.

### **Entre o doce do açúcar e o amargo da escravidão: trabalho e escravidão no Recôncavo**

No imaginário popular, engenho e açúcar são palavras praticamente sinônimas, tamanha é a importância do engenho para a grande indústria açucareira durante quase três séculos no Recôncavo. Para movimentar essa verdadeira “máquina de fazer açúcar”, foram necessários vários braços, sobretudo braços negros, escravos, mas não apenas estes, como se poderia imaginar em uma discussão sobre economia escravista. Nesse complexo açucareiro havia não só trabalhadores livres, negros, índios, mulatos e brancos, escravos e cativos, mas também assalariados, mulheres e crianças. A presente seção tem a pretensão de identificar os trabalhadores e trabalhadoras do açúcar, suas funções e habilidades, ademais, analisar a dinâmica das relações, para verificar de que maneira esses trabalhadores se dividiam socialmente.

Na estrutura da produção de açúcar são identificados quatro tipos de trabalhadores, de acordo com Schwartz (2011): senhores de engenho, lavradores de cana, trabalhadores do campo e trabalhadores assalariados. Ferlini (1996), ao analisar o que denominou de civilização açúcar, concorda com a classificação de Schwartz (2011) sobre os lavradores de cana, porém acrescenta quatro funções à organização do engenho: administração, manutenção, transporte e processamento da cana.

Cada trabalhador exercia uma função específica na grande engrenagem que foi a produção de açúcar no Recôncavo, de acordo com a divisão sexual do trabalho e as habilidades requeridas (a separação das atividades obedecia a um critério técnico). Para atender aos objetivos da presente pesquisa, seguiremos a classificação de Schwartz (2011), em oposição à de Ferlini (1996), e a contribuição teórica de alguns cronistas dos séculos XVI ao XVIII.

Inicialmente, a força de trabalho das roças de cana e engenhos eram os indígenas. Aos poucos, o perfil do executor dos serviços se modifica. Isso se deve aos seguintes fatores: a pressão das ordens religiosas, principalmente a dos jesuítas, que culmina com a emissão da Carta Régia, em

1570, e a proibição da captura de índios; a pressão dos próprios senhores de engenho e lavradores de cana que, ao se capitalizarem, passam a demandar, cada vez mais, mão de obra escrava negra. Assim, por mais de 300 anos, especificamente, de 1570 a 1888, ano em que a Lei Áurea foi sancionada, o engenho e, por conseguinte, o Recôncavo, serviram-se dos braços negros e escravos.

Apesar de predominantemente negra e escrava, a população trabalhadora do Recôncavo era composta, também, de assalariados. Esses trabalhadores possuíam habilidades requeridas para a produção do açúcar e formavam uma parcela importante do nascente “mercado” de trabalho colonial. Diferentemente da cana-de-açúcar, planta trazida da Europa para adaptação em terras brasileiras, o fumo ou tabaco era uma erva conhecida dos índios brasileiros quando os portugueses aqui chegaram.

De acordo com Nardi (1996), o fumo (usado para fins medicinais e religiosos) surgiu provavelmente dos vales orientais dos Andes bolivianos e se espalhou pelo território do Brasil no processo de migração dos tupis-guaranis. Almeida (1835) traz relatos de populações indígenas dos Estados Unidos e do México que usavam o tabaco antes da chegada dos europeus.

O cultivo e processamento do fumo ocorre em várias etapas e pode ser dividido em dois momentos da história da Bahia. Um, o trabalho propriamente dito, desenvolvido no campo ou na roça; o outro, executado nas fábricas. É importante ressaltar que o trabalho na roça não desaparece com o surgimento das fábricas, contudo, para fins didáticos, esse processo será analisado em momentos distintos neste estudo. Primeiramente, serão discutidos os aspectos do trabalho no campo, posteriormente, o trabalho a partir do fim do século XIX, quando surgem as fábricas de charutos.

Durante o crescimento da planta, todos os cuidados são necessários para mantê-la saudável. Assim, é primordial a limpeza, retirada do capim que cresce ao seu redor, e atenção para o surgimento de pragas, formigas, grilos, pulgão, lagartas, ervas daninhas. Ao contrário da produção de açúcar, que exigia atividades extremamente técnicas (mestre de açúcar, por exemplo), o trabalho na lavoura de fumo parecia não exigir especialização. Nenhum dos pesquisadores consultados (Almeida, 1835; Almeida, 1983; Borba, 1975; Nardi, 1996) menciona essa possibilidade. Trata-se de uma atividade, pois, que, para ser exercida, não requeria técnicas específicas nem divisão dos trabalhadores.

Talvez, por essa razão, a lavoura de fumo era chamada de “lavoura de pobre”, pois podia ser cultivada em pequenas extensões de terra, nos quintais das casas, consorciada com outras culturas (feijão, milho e mandioca), portanto, não havia barreiras à entrada de grandes investimentos, infraestrutura e produção complexa ou mecanizada. A terra podia ser cultivada mediante arrendamento ou mesmo sistema de meia, no qual o agricultor (o meeiro) repassa uma

parte da produção ao dono da terra no fim do ciclo produtivo. Nesse contexto, a lavoura de fumo atraiu pequenos agricultores e escravos libertos, era a atividade preferida dos colonos mais pobres (Almeida, 1983).

Borba (1975, p.13) cita Cunha Maciel e também verifica em sua pesquisa a presença de homens livres no canavial, já que o braço escravo havia abandonado esse trabalho. Segundo Borba (1975), o grupo de pequenos proprietários das terras de produção de fumo na década de 1960, em sua maioria, concentra na faixa de 2 a 5 hectares (ha), o que corresponde a 37,4% do total de propriedades do Recôncavo. Enquanto o açúcar do Recôncavo era produzido em grandes *plantations*, o fumo restringia-se a pequenas propriedades rurais.

Nas manufaturas de fumo, a mão de obra utilizada continuou sendo negra e escrava. Depois da proibição do tráfico negreiro, em 1850, e a consequente abolição da escravatura, em 1888, o serviço passou a assalariado. O contingente de trabalhadores nas manufaturas era formado basicamente de mulheres. O trabalho podia ser realizado na fábrica e na residência. “Era o caso da manufatura Juventude, que possuía 150 trabalhadores, desses, 130 na fábrica e 20 em suas residências” (Almeida, 1983, p.29).

Fundada pelos irmãos August e Ferdinand Suerdieck, a Fábrica de Charutos Especiais A. Suerdieck estabeleceu-se, segundo Porto Filho (2011), em julho de 1905, no Cais do Cajá na cidade de Maragogipe. Em condições precárias, contava com apenas cinco empregados. Conforme esse autor, a qualidade dos charutos da Suerdieck estava na escolha da matéria-prima e nos cuidados especiais durante o ciclo de produção. O processo envolvia dez etapas: preparo do solo, semeadura, plantio, adubagem, tratos culturais, colheita, secagem, seleção, manocagem e fermentação preliminar. Em seguida, o fumo era beneficiado e processado nos armazéns de compra com a classificação do enfardamento e meia cura (segunda fermentação). Encerradas essas fases, o fumo era destinado à fábrica, onde passava por seções especializadas, até chegar ao consumidor final.

Silva (2001) realizou um levantamento nos registros dos empregados da Suerdieck e afirma que, entre os anos 1906 e 1950, a fábrica contava com 2.852 operários. Desse total, 2.262 eram mulheres, o que corresponde a 79,3%. Do total de mulheres, 1.474 eram charuteiras. Os dados dos pesquisadores, Silva (2011), por exemplo, não permitem analisar salários, pois, nos registros, não constam informações sobre rendimentos. Uma vez que a legislação trabalhista só vai se consolidar a partir da década de 1940, nos primórdios da Suerdieck, não havia garantia dos direitos dos trabalhadores.

Em síntese, as manufaturas de fumo instalaram-se no Recôncavo no período em que havia um grande contingente de mão de obra que se sujeitava ao trabalho com salários, em determinados momentos, muito baixos. Tal como aconteceu com a produção de açúcar, o processo é

compartilhado entre trabalhadores livres e escravos. A partir de 1850, o trabalho no Recôncavo, aos poucos, se reconfigura, tanto em virtude da proibição do tráfico de negros quanto da própria abolição da escravidão, em 1888.

### **O pão da terra: o trabalho nas roças de mandioca**

É perfeitamente aceitável dizer que a agricultura de exportação capitaneada pela indústria açucareira moldou a economia e a sociedade do Recôncavo e do Brasil. Schwartz (2011), contudo, lembra bem que as pessoas (escravos, senhores de engenho e o restante da população) precisavam se alimentar. Da mesma forma que o fumo, a produção de farinha exerceu papel importante na chamada agricultura de subsistência. Por um lado, esse tipo de agricultura contribuiu para alimentar a população crescente de um Recôncavo que se urbanizava, por outro, absorvia uma população que não mais servia para os trabalhos nos canaviais.

A mandioca é plantada durante todo o ano, com exceção do inverno, já que a abundância de chuva causa podridão na raiz. Durante o crescimento da planta, a atenção do lavrador é para as formigas, a principal praga contra a mandioca. Sobre isso, Sousa (1587, p.173) afirma: “Nesse trabalho andam os lavradores até que a mandioca é de seis meses, que cobre bem a terra com a rama, que então não lhe faz a formiga nojo”.

De acordo com Ribeiro (1982) e Simões Filho (2011), os grandes produtores de farinha eram São Mateus, Caravelas, Porto Seguro, Camamu, Cairu, Aldeia, Maragogipe e Nazaré. Essas vilas ficavam ao longo do litoral baiano e eram responsáveis pelo abastecimento de Salvador. Ao longo dos anos, principalmente, a partir do século XIX, outras vilas, Ilhéus, Cachoeira, Santo Amaro, Alagoinhas e Feira de Santana, se destacam e passam à condição de centros importantes de produção de farinha.

De acordo com Barickman (2003), entre os estabelecimentos rurais do Recôncavo, os lavradores de mandioca eram em menor número e os mais pobres, se comparados aos senhores de engenho e até aos produtores de fumo. A posse de escravos era sinônimo de riqueza. Um levantamento feito em 1781 mostra que 170 lavradores de mandioca eram proprietários de escravos. Desse total, apenas 13 possuíam dez ou mais escravos. A maioria (68,2%) tinha menos de cinco escravos. Significa que esses lavradores não dispunham de grandes inversões de capital.

Outro traço diferencial entre as duas lavouras (exportação e subsistência) refere-se à qualificação técnica. Na lavoura de exportação, verifica-se o início de algumas atividades especializadas, enquanto na lavoura de subsistência esse trabalho mais especial é bastante diminuto. É preciso fazer uma ressalva às fábricas de charutos e cigarrilhas, implantadas no Recôncavo a

partir do século XX, a Suerdieck, principalmente. Nas fábricas de charutos, existia uma divisão sexual do trabalho. O ofício de fazer charutos, por exemplo, é predominantemente feminino, o que torna o trabalho um pouco mais especializado.

### **Entre trilhas perdidas e enigmas baianos: a economia do Recôncavo no século XX**

A virada do século XIX para o século XX foi um verdadeiro desastre para a economia do Recôncavo. Como discutiu-se ao longo deste trabalho, o Recôncavo foi a primeira região do país a se urbanizar, por isso, experimentou relativo crescimento econômico baseado, sobretudo, em seu principal produto de exportação: o açúcar. Os tempos áureos alcançados desde o século XVI evidenciavam sintomas de certo esgotamento. Os preços internacionais do açúcar tendiam para a queda e as sucessivas secas tornaram mais baixa a produtividade da lavoura de cana, ao passo que as rebeliões de escravos traziam instabilidade e incertezas.

Além das questões levantadas anteriormente, observou-se que a mudança da capital de Salvador para o Rio de Janeiro, em 1763, deslocou o centro dinâmico da economia brasileira do Nordeste para o Sudeste, ademais, a descoberta de ouro e metais preciosos nas Minas Gerais no fim do século XVIII contribuiu para a saída de muitos escravos dos engenhos do Recôncavo. Tal circunstância aumentou a crise da mão de obra, concomitantemente, os movimentos que levaram à abolição da escravatura davam sinais de que em algum momento da história o Recôncavo havia perdido a trilha do desenvolvimento econômico.

O fim do tráfico de escravizados representou duas situações paradoxais em essência. Por um lado, foi prejudicial, pois o escravo representava as mãos e os pés da lavoura de cana no Recôncavo, por outro, houve redução imediata da oferta de mão de obra, conseqüentemente, muitas fazendas enfrentaram grandes dificuldades em repor seus trabalhadores e faliram. Com relação à decadência da cana-de-açúcar, Spinola (2003) destaca que o apogeu da produção de cana ocorreu entre os séculos XVI e XVIII, todavia, seu longo processo de agonia se inicia justamente no século XIX.

Almeida (1977) aponta duas razões principais para a crise da economia açucareira, a saber: a primeira, “a febre da mineração” que, conforme as palavras do autor, demandou muitos trabalhadores do açúcar. Para o trabalho na extração de ouro nas Minas Gerais, houve recrutamento de homens livres, leilões de escravos e até de mestres de açúcar. Esse processo aumentou os custos da produção de açúcar. A segunda razão (Almeida, 1977) refere-se à concorrência internacional provocada por outras colônias europeias. O autor argumenta ainda que



o Brasil havia reduzido a pouco mais de 10% a sua participação no comércio internacional do açúcar no fim do século XVIII, após ter sido o maior produtor mundial nos dois séculos anteriores.

Esses fatos tinham a perspectiva de reverter a estagnação econômica da Bahia e, por consequência, promover o seu crescimento por meio de emprego e renda no setor industrial. Teixeira e Guerra (2000) e Cavalcante (2008) afirmam que a implantação da Refinaria Landulpho Alves (RLAM) em 1950 é o marco para a industrialização do Estado. A RLAM exerceu impactos sobre o Recôncavo, seja na infraestrutura urbana, seja na social e econômica da Região.

Desde a implantação da indústria de petróleo nos anos 1950, o Recôncavo passou por um acelerado processo de urbanização. Para corroborar essa afirmativa, a Tabela 6 apresenta o quantitativo da população de acordo com a situação (urbana ou rural). Em 1991, o Recôncavo tinha um contingente de 498.728 pessoas. Desse total, 299.217 residiam na área urbana, o que representava cerca de 60%, enquanto as outras 199.511 se concentravam na área rural. Nos anos 2000, a população da área urbana cresceu, passou para 358.951, 65% do total. Em 2010, o número de pessoas da zona urbana ultrapassou a barreira dos 400.000 e chegou a 405.106, quase 70% das pessoas. Esse número continua um pouco abaixo da média de urbanização do Brasil que, de acordo com os dados da ONU (2017), é 85%.

**Tabela 1 – População urbana e rural do Recôncavo no período de 1991 a 2010**

Item Geográfico	Total			Urbana			Rural		
	1991	2000	2010	1991	2000	2010	1991	2000	2010
Cabaceiras do Paraguaçu	16.420	17.215	17.327	1.846	3.305	4.644	14.574	13.910	12.683
Cachoeira	28.290	30.416	32.026	14.193	15.831	16.387	14.097	14.585	15.639
Castro Alves	26.324	25.588	25.408	13.187	14.647	15.686	13.137	10.941	9.722
Conceição do Almeida	18.670	20.143	17.889	7.010	8.212	7.926	11.660	11.931	9.963
Cruz das Almas	45.206	51.475	58.606	30.908	39.604	49.885	14.298	11.871	8.721
Dom Macedo Costa	3.529	3.462	3.874	853	1.297	1.761	2.676	2.165	2.113
Governador Mangabeira	19.197	19.126	19.818	5.338	6.684	7.417	13.859	12.442	12.401
Maragogipe	39.711	39.840	42.815	20.472	21.043	25.093	19.239	18.797	17.722
Muniz Ferreira	6.211	6.498	7.317	2.524	3.301	3.394	3.687	3.197	3.923
Muritiba	21.300	27.016	28.899	14.709	17.905	18.040	6.591	9.111	10.859
Nazaré	25.410	27.369	27.274	20.491	23.011	22.864	4.919	4.358	4.410
Salinas da Margarida	8.891	10.377	13.456	3.902	4.611	5.960	4.989	5.766	7.496
Santo Amaro	53.270	57.624	57.800	40.894	44.505	44.766	12.376	13.119	13.034
Santo Antônio de Jesus	63.923	76.956	90.985	52.855	66.245	79.299	11.068	10.711	11.686

São Felipe	20.621	21.656	20.305	6.906	8.250	9.820	13.715	13.406	10.485
São Félix	12.182	13.699	14.098	7.420	8.748	9.265	4.762	4.951	4.833
São Francisco do Conde	20.238	26.282	33.183	15.734	21.870	27.391	4.504	4.412	5.792
São Sebastião do Passé	36.825	39.960	42.153	25.806	29.549	33.112	11.019	10.411	9.041
Sapeaçu	14.635	14.781	16.585	6.889	7.524	8.084	7.746	7.257	8.501
Saubara	8.016	10.193	11.201	5.469	10.076	10.948	2.547	117	253
Varzedo	9.859	9.344	9.109	1.811	2.733	3.364	8.048	6.611	5.745

**Fonte:** Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD).

De acordo com as informações da Tabela 1, alguns municípios merecem destaque. O primeiro é São Francisco do Conde, que teve um crescimento populacional da ordem de 64%. São 20.238 pessoas, em 1991, e 33.183, em 2010. Em segundo lugar, Santo Antônio de Jesus destaca-se com um crescimento de cerca de 42% em seu contingente, com 63.923 pessoas, em 1991, e 90.985, em 2010. O terceiro é Muritiba, que teve um aumento de quase 35%, sai de 21.300 pessoas, em 1991, para 28.899, em 2010. Depois desses três municípios, verifica-se um crescimento de quase 30% em Cruz das Almas, cuja população saltou de 45.206 pessoas, em 1991, para 58.606, em 2010. Esses números reforçam o que se observa empiricamente, o dinamismo do Território é puxado por Cruz das Almas e Santo Antônio de Jesus na parte sul do Recôncavo. Pelo fato de estarem localizados à margem da BR 101, esses municípios conseguiram incentivar as respectivas economias com a ampliação dos comércios locais.

Apesar do crescimento muito inferior aos outros três municípios destacados, São Sebastião do Passé registrou um aumento da população da ordem de 15%, sai de 36.825 pessoas, em 1991, para 42.153, em 2010. É importante observar também que São Sebastião do Passé e São Francisco do Conde são os dois municípios mais importantes da estrutura da Petrobrás, compõem o Território de Identidade do Recôncavo e participam da cadeia industrial do petróleo. O primeiro possui unidades de exploração de petróleo por meio de poços de perfuração; o segundo conta com a Refinaria Landulfo Alves em seu território.

É preciso observar também os indicadores econômicos e sociais do Território. Um dos principais é o Produto Interno Bruto (PIB), a soma das riquezas produzidas pelo município (ou estado, país) em determinado período. Esse não é, contudo, o único indicador nem o mais conveniente para um estudo mais aprofundado. Outros índices são necessários para uma análise qualitativa e precisa do Recôncavo. De acordo com a Tabela 5, no ano de 2014, o município que contava com a maior participação do PIB no Recôncavo era São Francisco do Conde (29,2%), seguido por Santo Antônio de Jesus (18,1%), Cruz das Almas (8,3%), São Sebastião do Passé (7,3%) e Santo Amaro (6,6%). Em uma circunstância antagônica estão municípios cuja participação no

PIB não chega a 1%: Dom Macedo Costa (0,3%), Muniz Ferreira (0,4%) e Varzedo (0,7%). Esses números revelam a grande disparidade econômica entre os municípios que compõem o Recôncavo.

**Tabela 2 — Distribuição percentual do Produto Interno Bruto nominal, segundo os setores de atividade econômica — Território de Identidade Recôncavo e seus municípios — 2014**

Item Geográfico	Distribuição Percentual – PIB				
	Agropecuária	Indústria	Serviços	Adm. Pública	Total
Recôncavo	100%	100%	100%	100%	100%
Cabaceiras do Paraguaçu	3,9%	-1,3%	0,5%	2,9%	1,2%
Cachoeira	5,7%	-28,4%	2,6%	4,4%	4,4%
Castro Alves	3,6%	-10,7%	2,0%	3,8%	2,9%
Conceição do Almeida	3,1%	-3,3%	0,7%	2,4%	1,2%
Cruz das Almas	5,8%	-16,2%	8,3%	8,4%	8,3%
Dom Macedo Costa	1,0%	-0,3%	0,1%	0,7%	0,3%
Governador Mangabeira	3,7%	-1,9%	1,2%	3,0%	1,7%
Maragogipe	10,5%	-39,4%	2,1%	6,9%	5,6%
Muniz Ferreira	1,0%	-0,4%	0,2%	1,1%	0,4%
Murituba	4,7%	-8,5%	1,5%	4,1%	2,5%
Nazaré	2,0%	-3,6%	2,0%	3,9%	2,3%
Salinas da Margarida	8,1%	-2,1%	0,7%	2,4%	1,5%
Santo Amaro	7,6%	-30,3%	4,3%	7,9%	6,6%
Santo Antônio de Jesus	8,8%	-37,4%	19,0%	12,9%	18,1%
São Felipe	5,6%	-2,1%	1,0%	3,1%	1,7%
São Félix	6,3%	-1,8%	1,0%	2,2%	1,5%
São Francisco do Conde	1,9%	348,4%	46,7%	17,6%	29,2%
São Sebastião do Passé	3,7%	-54,1%	4,3%	6,9%	7,3%
Sapeaçu	7,6%	-2,0%	0,8%	2,4%	1,5%
Saubara	3,2%	-2,3%	0,7%	1,8%	1,1%
Varzedo	2,2%	-2,1%	0,3%	1,3%	0,7%

**Fonte:** Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) — Sistema de Contas Regionais.

Outro indicador importante e muito utilizado é o PIB *per capita*, que mede a divisão do Produto Interno Bruto pela população residente no município. As análises sobre o PIB *per capita* (Tabela 3) revelaram que São Francisco do Conde tem uma renda média de R\$ 73.266,00, enquanto Santo Antônio de Jesus, em segundo lugar, conta com R\$ 17.579,00. O terceiro lugar é de São

Sebastião do Passé, R\$ 15.622,00, seguido de Cruz das Almas, R\$ 12.704,00 e Cachoeira, R\$ 12.491,00. Nota-se, pois, que a realidade econômica de São Francisco do Conde em relação aos outros municípios é desproporcional, devido às rendas advindas do petróleo. A renda *per capita* desse município é maior que a soma das rendas *per capita* de Santo Antônio de Jesus, São Sebastião do Passé, Cruz das Almas e Cachoeira.

**Tabela 3 — População, PIB *per capita* e IDHM do Território de Identidade Recôncavo e seus municípios no período 2010 a 2014**

Item Geográfico	População <sup>1</sup> - 2014	PIB <sup>2</sup> <i>per capita</i> - 2014	Desigualdade - 2010		IDHM - 2010
			Gini	Theil-L	
Recôncavo	639.099	R\$ 15.250	—	—	—
Cabaceiras do Paraguaçu	18.850	R\$ 5.990	0,54	0,58	0,581
Cachoeira	34.394	R\$ 12.491	0,56	0,60	0,647
Castro Alves	27.194	R\$ 10.239	0,54	0,55	0,613
Conceição do Almeida	18.583	R\$ 6.548	0,56	0,59	0,606
Cruz das Almas	63.761	R\$ 12.704	0,55	0,57	0,699
Dom Macedo Costa	4.140	R\$ 6.454	0,55	0,58	0,632
Governador Mangabeira	21.198	R\$ 7.617	0,54	0,56	0,643
Maragogipe	45.928	R\$ 11.920	0,57	0,60	0,621
Muniz Ferreira	7.860	R\$ 5.340	0,51	0,48	0,617
Muritiba	30.691	R\$ 8.053	0,55	0,57	0,660
Nazaré	29.297	R\$ 7.783	0,61	0,70	0,641
Salinas da Margarida	15.171	R\$ 9.646	0,54	0,55	0,617
Santo Amaro	61.559	R\$ 10.517	0,56	0,59	0,646
Santo Antônio de Jesus	100.550	R\$ 17.579	0,54	0,54	0,700
São Felipe	21.548	R\$ 7.612	0,50	0,47	0,616
São Félix	15.049	R\$ 9.569	0,48	0,43	0,639
São Francisco do Conde	38.838	R\$ 73.266	0,50	0,45	0,674
São Sebastião do Passé	45.292	R\$ 15.622	0,53	0,54	0,657
Sapeaçu	17.630	R\$ 8.246	0,58	0,65	0,614
Saubara	12.161	R\$ 8.811	0,49	0,46	0,617
Varzedo	9.405	R\$ 6.965	0,52	0,56	0,586

**Fonte:** Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e PNUD.

**Notas:** (1) Estimativa. (2) Em reais.

A análise da Tabela 4 mostra que Santo Antônio de Jesus possui o melhor Índice de Desenvolvimento Humano (IDHM), (0,70), seguido de Cruz das Almas e São Francisco do Conde. Por outro lado, Nazaré, com índices de Gini (0,61) e Theil (0,70), é o município com maior desigualdade de renda, seguido por Sapeaçu, Gini (0,58) e Theil (0,65), e Maragogipe, Gini (0,57) e Theil (0,60).

**Tabela 4 — Índice de Desenvolvimento Humano, segundo seus componentes, dos municípios do Território de Identidade Recôncavo (1991, 2000 e 2010)**

Item Geográfico	Renda			Longevidade			Educação		
	1991	2000	2010	1991	2000	2010	1991	2000	2010
Cabaceiras do Paraguaçu	0,354	0,452	0,525	0,544	0,631	0,763	0,072	0,206	0,490
Cachoeira	0,481	0,546	0,615	0,585	0,675	0,762	0,226	0,372	0,577
Castro Alves	0,452	0,489	0,591	0,638	0,698	0,774	0,150	0,268	0,504
Conceição do Almeida	0,447	0,502	0,578	0,585	0,672	0,805	0,173	0,331	0,479
Cruz das Almas	0,528	0,592	0,659	0,633	0,705	0,796	0,275	0,452	0,650
Dom Macedo Costa	0,429	0,509	0,598	0,631	0,668	0,795	0,128	0,304	0,531
Governador Mangabeira	0,416	0,508	0,594	0,585	0,715	0,754	0,190	0,373	0,594
Maragogipe	0,432	0,491	0,582	0,638	0,698	0,793	0,144	0,277	0,518
Muniz Ferreira	0,425	0,493	0,581	0,585	0,698	0,761	0,192	0,328	0,531
Murituba	0,482	0,544	0,629	0,551	0,675	0,796	0,262	0,403	0,573
Nazaré	0,494	0,529	0,637	0,561	0,688	0,777	0,243	0,370	0,532
Salinas da Margarida	0,439	0,469	0,575	0,551	0,607	0,729	0,214	0,356	0,561
Santo Amaro	0,511	0,550	0,626	0,551	0,646	0,772	0,231	0,386	0,559
Santo Antônio de Jesus	0,537	0,591	0,677	0,655	0,743	0,815	0,259	0,401	0,622
São Felipe	0,434	0,520	0,565	0,638	0,709	0,787	0,091	0,271	0,525
São Félix	0,483	0,535	0,582	0,550	0,637	0,769	0,220	0,343	0,583
São Francisco do Conde	0,521	0,552	0,641	0,593	0,689	0,812	0,145	0,365	0,587
São Sebastião do Passé	0,528	0,553	0,633	0,631	0,668	0,812	0,193	0,354	0,551
Sapeaçu	0,463	0,519	0,602	0,638	0,709	0,735	0,177	0,319	0,522
Saubara	0,450	0,521	0,563	0,551	0,646	0,738	0,176	0,376	0,565
Varzedo	0,429	0,472	0,581	0,597	0,675	0,753	0,109	0,230	0,461

**Fonte:** Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e PNUD.

Na Tabela 4 estão os valores decompostos do IDHM de todos os municípios do Recôncavo, de acordo com os fatores renda, longevidade da população e educação. Nos dados relativos à renda, em 2010, o primeiro colocado é Santo Antônio de Jesus (0,677), seguido de Cruz das Almas (0,659), São Francisco do Conde (0,641), Nazaré (0,637) e São Sebastião do Passé (0,633).

Quando o critério é longevidade da população, os dados revelam que Santo Antônio de Jesus também lidera nesse quesito, com índice de 0,815, seguido de São Francisco do Conde e São Sebastião do Passé, ambos empatados, com 0,812. A surpresa nesse grupo é, todavia, o município de Conceição do Almeida, que aparece no quarto lugar, com 0,805. A quinta posição é de Cruz das Almas, com 0,796.

Os índices relativos à educação também mostraram algumas surpresas positivas. O primeiro lugar é de Cruz das Almas, com 0,65, em 2010, seguido por Santo Antônio de Jesus, com 0,622. Alguns municípios, contudo, se destacaram positivamente não apenas pelo valor absoluto, mas pelo salto qualitativo nesse quesito. O primeiro destaque é Cabaceiras do Paraguaçu, que saiu de um índice de 0,072, em 1991, para 0,490, em 2010, um aumento de cerca de 600%. Outro crescimento significativo foi observado em Castro Alves, que obteve 236%. Os índices favoráveis podem ser atribuídos tanto à ampliação do setor educacional no território por meio da Universidade Federal do Recôncavo (UFRB), quanto aos investimentos de instituições privadas, embora não haja mais elementos para reforçar essa proposição.

Por outro lado, triplicou o número de pessoas classificadas como média classe média no Recôncavo, a participação saiu de 6%, em 2000, para 18%, em 2010. Trata-se de um ponto positivo, significa que existe mobilidade social no território. Esse índice de crescimento triplo também atingiu a alta classe alta, que saiu de 0,7%, em 2000, para 2,2%, em 2010. Os números reforçam a hipótese de que o Recôncavo aproveitou bem os programas sociais de transferência de renda e de valorização do salário mínimo, implementados pelo governo federal no início dos anos 2000. Além de não ser objeto da presente investigação, essa hipótese não pode ser comprovada, visto que faltam outros elementos que possam autorizá-la de modo absoluto.

## Conclusões

O presente estudo teve como objetivo geral discutir as transformações da categoria trabalho ao longo dos últimos 500 anos. Vimos que o trabalho foi se modificando desde as grandes plantações de cana-de-açúcar até a produção de farinha e de fumo. Analisamos também as modificações do Recôncavo em consequência da indústria de petróleo. O problema de pesquisa buscou analisar as características do trabalho no Recôncavo no século XXI.

Um dos indicadores utilizados para analisar a hipótese foi a taxa de analfabetismo. A pesquisa mostrou que a taxa de analfabetismo vem declinando em todos os municípios do Recôncavo, mas permanece mais alta que a média nacional (8,3%) e a média da região Nordeste (16,9%).

Verificou-se que a divisão social do trabalho é a base histórica da diferenciação dos espaços e dos níveis de desenvolvimento de uma sociedade. É a prova de como estão conformados os estágios de crescimento das forças produtivas. Nesse aspecto, a força do capitalismo sobre os espaços produz diferenciação naquilo que a literatura denomina desenvolvimento desigual e combinado. No Recôncavo não foi diferente. No desenvolvimento desse território, alguns municípios sobressaíram, outros não. As pesquisas mostram que na verdade existem três “recôncavos”, três espaços diferentes. O primeiro é o Recôncavo tradicional e histórico, no qual as atividades agropecuárias têm um peso grande na economia. Os municípios de Cabaceiras do Paraguaçu, Maragogipe, Governador Mangabeira, Castro Alves e Cachoeira são exemplos desse Recôncavo.

O segundo Recôncavo é aquele em que as atividades relativas às indústrias de petróleo têm maior peso. São exemplos São Francisco do Conde e São Sebastião do Passé, territórios em que as rendas auferidas com o petróleo permitem a elevação dos respectivos PIBs. Esses municípios destoam do restante do território e lideram em alguns quesitos referentes a crescimento econômico.

O terceiro Recôncavo é o que podemos chamar de Recôncavo moderno. São municípios em que o setor de serviços e o comércio constituem os principais vetores de crescimento. Nesse Recôncavo, saúde e educação destacam-se no setor de serviços. Fazem parte desse território Santo Antônio de Jesus, Cruz das Almas, Santo Amaro e Cachoeira, municípios que, apesar de também pertencerem ao Recôncavo tradicional, aos poucos, modificam a base da economia local em razão dos investimentos educacionais da UFRB.

À guisa de conclusão, esta investigação mostrou que o trabalho modificou bastante a natureza do Recôncavo e assumiu outras características. Nesse território, ocupações qualificadas convivem com ocupações sem qualificação. As ocupações manuais, típicas de um Recôncavo iminentemente agrícola, se modificam e são substituídas por ocupações mais especializadas, notadamente no setor de comércio e serviços. Além disso, as ocupações vinculadas ao setor educacional experimentaram um crescimento considerável. Não obstante o crescimento desse tipo de ocupação, diante das mudanças (em curso) da natureza do trabalho, o rendimento do trabalho no Recôncavo continua baixo (comparado a outras regiões), um sério entrave ao seu processo de crescimento/desenvolvimento econômico.

## Referências

- AGUIAR, Manoel Pinto de. Notas sobre o enigma baiano. **Planejamento**, Salvador, v. 5, n. 4, p. 123-136, out. / dez. 1972.
- ALMEIDA, Paulo Henrique de. **A Manufatura do fumo na Bahia**. 1983. 192f. Dissertação (Mestrado em Economia) Instituto de Economia. UNICAMP. Campinas.
- ALMEIDA, Miguel Calmon Du Pin e. **Memória sobre a cultura do Tabaco**. Salvador. Bahia, 1835.
- ALMEIDA, Rômulo. Traços da história econômica da Bahia no último século e meio. **Planejamento**, Salvador, v. 5, n. 4, p. 19-54, out. / dez. 1977.
- ANTONIL, André João – **Cultura e opulência do Brasil por suas drogas e minas**. Lisboa. Officina Real, 1711.
- BORBA, Silza Fraga Costa. **Industrialização e exportação de fumo na Bahia: 1870-1930**. 1975. 328f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais. UFBA. Salvador.
- BREITBACH, Áurea Correia de Miranda. **Estudo sobre o conceito de região**. 1988. 93f. Dissertação (Mestrado em Economia) Fundação de Economia e Estatística. Rio Grande do Sul.
- CARDIM, Fernão – **Tratados da terra e gente do Brasil**. Organização Ana Maria Azevedo. São Paulo. Hedra, 2009.
- CAVALCANTE, Luiz Ricardo. **A era da indústria: a economia baiana na segunda metade do século XX**. Ed. Salvador: FIEB, 2008
- COSTA PINTO, L.A. Recôncavo: Laboratório de uma experiência humana. *In*: BRANDÃO, Maria de Azevedo (Org.). **Recôncavo da Bahia: Sociedade e economia em transição**. Bahia. Fundação Casa de Jorge Amado, 1998. p. 101-184
- CUNHA, Silvio Humberto dos Passos. **Um retrato fiel da Bahia: sociedade-racismo-economia na transição para o trabalho livre no Recôncavo açucareiro, 1872-1902**. 2004. 279f. Tese (Doutorado em Economia) Instituto de Economia. Unicamp. Campinas
- DI LAURO, Aluztane *et al.* Territórios de Identidade no Brasil: Uma Análise Teórica e Metodológica no Estado da Bahia. *In*: **Anais do EGAL** 2009.
- FERLINI, Maria Lúcia – **A civilização do açúcar séculos XVI a XVIII**. São Paulo. Brasiliense, 1996.
- \_\_\_\_\_ **Terra, trabalho e poder**. São Paulo. Brasiliense, 1988.
- GUERRA, Oswaldo; TEIXEIRA, Francisco. 50 Anos da Industrialização Baiana: do enigma a uma dinâmica exógena e espasmódica. **Bahia: Análise&Dados**. Ano 10, nº 01, Salvador: Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia, v. 10, n. 1, jul. 2000, p. 87-98.
- LINHARES, Maria Yeda. **História do Brasil**(Org.). São Paulo. Campos, 1990.



- NARDI, Jean Baptiste. **O Fumo no Brasil-Colônia**. São Paulo. Brasiliense, 1987.
- NOVAIS, Fernando. **Portugal e Brasil na crise do antigo sistema colonial (1777-1808)**. São Paulo. Hucitec, 1980.
- ORTIZ, Fernando. **Contrapunteo cubano del tabaco y el azucar**. Havana. Editorial de Ciencias Sociales, 1983.
- PEDRÃO, Fernando Cardoso. Novos rumos, novos personagens. *In*: BRANDÃO, Maria de Azevedo (Org.). **Recôncavo da Bahia: Sociedade e economia em transição**. Bahia. Fundação Casa de Jorge Amado, 1998. p. 217-242
- PORTO FILHO, Ubaldo Marques. **Suerdieck: Epopéia do gigante**. Salvador. Biblioteca Nacional, 2011.
- RIBEIRO, Ellen Melo dos Santos. **Abastecimento de Farinha da cidade de salvador: Aspectos históricos**. 1982. 181f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. UFBA. Salvador.
- SAMPAIO, Marcos Guedes. **A Abolição do tráfico de escravos e os impactos no comércio da cidade do Salvador (1850-1870)** 77f. Monografia (Bacharelado em Economia. UFBA, Salvador 1999.
- SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. São Paulo: Edusp, 1993.
- \_\_\_\_\_. A Rede Urbana do Recôncavo. *In*: BRANDÃO, Maria de Azevedo (Org.). **Recôncavo da Bahia: Sociedade e economia em transição**. Bahia. Fundação Casa de Jorge Amado, 1998. p. 101-184
- SPINOLA, Noelio Dantaslé. **Política de localização industrial e desenvolvimento regional: a experiência da Bahia**. Salvador: UNIFACS, 2003.
- SOUZA, Nali de Jesus de. **Curso de Economia**. São Paulo. Atlas. 2004
- SCHWARTZ, Stuart B. **Segredos internos: Engenhos e escravos na sociedade colonial**. São Paulo, Companhia das Letras, 2011.
- SOUZA, Gabriel Soares de. **Tratado descritivo do Brasil em 1587**. Rio de Janeiro: Cia. Editora Nacional, 1971.

*Recebido em 03/09/2024.  
Aprovado em 09/12/2024.*